Dia 28 — São Simão e São Judas, Apóstolos

Martirológio Romano

O martírio dos santos Apóstolos Simão Cananeu e Tadeu, por outro nome Judas: Simão pregou o Evangelho no Egito e Tadeu na Mesopotâmia; depois, entrando juntos na Pérsia, tendo convertido uma inumerável multidão daquelas gentes à fé de Jesus Cristo, alcançaram a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

Santa Círia, virgem, filha de Santa Trifônia, em Roma; a qual foi degolada pela fé de Jesus Cristo no tempo do imperador Cláudio.

Santa Anastácia, virgem, a Maior, e Cirilo, mártires, em Roma também: Anastácia, na perseguição de Valeriano, por sentença do prefeito Probo, foi atada com cadeias, esbofeteada, atormentada com fogo e açoites; mas como permanecesse constante em confessar a Jesus Cristo, cortaram-lhe os peitos, arrancaram-lhe as unhas, quebraram-lhe os dentes, cortaram-lhe os pés e as mãos; e por último a degolaram e, adornada com tantas joias de tormentos, passou ao Esposo: Cirilo, tendo dado a esta Santa um pouco de água que lhe havia pedido, recebeu o martírio por recompensa. (Veja-se sua vida entre as de ontem.)

São Fidel, mártir, em Como, no tempo do imperador Maximiano. (Nasceu em Milão e foi discípulo de São Materno, bispo da mesma cidade.)

São Ferrúcio, mártir, em Mogúncia. (Floresceu no quarto ou quinto século e, tendo abandonado o serviço militar estando em Mogúncia, para consagrar-se a Jesus Cristo, o governador da cidade o fez encerrar numa fortaleza do Reno, na qual morreu a pouco tempo.)

São Faro, bispo e confessor, em Meaux.

São Gaudioso, bispo africano, em Nápoles; o qual, fugindo da perseguição dos vândalos, passou à Campânia e num mosteiro imediato àquela cidade acabou santamente.

São Honorato, bispo, em Vercelli. (Era discípulo do glorioso mártir Santo Eusébio e combateu a heresia de Ário, por cuja causa teve que sofrer muitas perseguições e até o desterro, no qual morreu.)

São Simão e São Judas, Apóstolos

De nenhum dos Apóstolos nos refere talvez menos coisas o sagrado Evangelho que do santo apóstolo São Simão. É verdade que nos diz muito bastante só com assegurar-nos que Jesus Cristo o escolheu para que fosse um de seus doze Apóstolos; eleição e ministério que por si sós significam mais que tudo quanto nos podiam referir os historiadores numa difusa e circunstanciada relação de suas virtudes e proezas, pois basta a mesma eleição para seu elogio. São Mateus sempre chama a Simão o Cananeu, para distingui-lo de São Pedro, que também se chamava Simão; e o distintivo de Cananeu o tomou da cidade de Caná, na província da Galileia, onde São Simão havia nascido. São Lucas o apelida Simão o Zelador: Simon Zelotes; ou por alusão a seu ardente zelo, que foi sempre como seu especial caráter; ou talvez principalmente porque, como a palavra hebraica Caná significa em grego Zelo, e São Lucas escreveu nesta última língua, deu-lhe o nome de Zelador, que equivale a Cananeu, para fixar o significado equívoco do hebraico Canani, que pode significar ou zelador ou fenício ou cananeu. Assegura Teodoreto que São Simão foi da tribo de Zabulon ou de Naftali, adiantando Nicéforo que nosso Santo foi o esposo das bodas de Caná, a que assistiram convidados o Salvador e a santíssima Virgem, fazendo nelas, a rogos desta Senhora, o primeiro milagre de converter a água em vinho; cujo prodígio obrado em seu favor fez tanta impressão no noivo que tudo deixou por seguir a Jesus Cristo e, de consentimento de sua esposa, a quem não havia tocado, conservou perpétua virgindade no matrimônio, servindo de modelo a tantos grandes Santos que imitaram depois tão belo exemplo.

Desde que Simão se determinou a deixar tudo por seguir a Jesus Cristo, não reconheceu outro mestre; tão aderido a seu divino Salvador que nunca o perdeu de vista. Sempre atento a suas divinas lições e perpétua testemunha de todas as suas maravilhas, sobressaiu muito presto entre todos os discípulos; mas por seu amor com especialidade à pessoa de Jesus Cristo e o ardente zelo que manifestava pela glória de seu celestial Mestre, acreditaram-no muito desde logo por um dos mais fervorosos apóstolos do Salvador.

São Judas, por sobrenome Tadeu, duas vozes que significam uma mesma coisa, sendo a primeira hebraica e a segunda siríaca e querendo ambas dizer o mesmo que confissão: São Judas foi irmão de Tiago o Menor, filho de Alfeu e de Maria, tão conhecida no Evangelho por sua adesão à pessoa de Jesus Cristo. Ambos eram chamados irmãos do Senhor, segundo o costume dos judeus, porque eram parentes muito chegados da santíssima Virgem. São Jerônimo chama também a São Judas Lebeu, que quer dizer homem sábio e generoso, com cujo distintivo o apelida igualmente o grego de São Mateus. É muito verossímil que nosso Santo não seria dos últimos que foram chamados ao apostolado e que, tendo a honra de ser parente tão chegado da santíssima Virgem, lograria igualmente a ventura de ser um dos primeiros discípulos do Salvador. Ao menos parece certo que foi um dos que tiveram mais parte na amizade de seu divino Mestre e dos que com mais carinhosa confiança se atreviam a perguntar-lhe as dúvidas que se lhes ofereciam. Depois da instituição da sagrada Eucaristia, tendo feito o Filho de Deus aos Apóstolos aquele admirável sermão que se refere no capítulo 14 de São João, como São Judas não tivesse compreendido bem o que o Salvador quis dizer naquelas palavras: «O mundo não me verá, mas vós me vereis; porque eu estarei vivo e vós o estareis também», «Senhor, perguntou-lhe São Judas, por que vos haveis de dar a conhecer a nós e não ao mundo? Porventura vosso reino não se há de estender a toda a terra? Não hão de

lograr todas as nações a ventura de conhecer-vos? Pois quê, Israel e Judá serão excluídos de vosso reino? O fruto de vossa vinda ao mundo, a grande obra da redenção, se há de limitar a um curto número de discípulos e de servos vossos?» Respondeu-lhe Jesus Cristo com aquela doçura e com aquela condescendência que lhe era tão familiar; e tomando ocasião da pergunta que lhe havia feito, deu a razão por que não se faria conhecer do mundo, como prometia deixar-se conhecer de seus Apóstolos, e era porque o mundo não o amava; sendo a prova de que não o amava o que não guardava seus mandamentos.

Sendo São Judas inseparável de Jesus Cristo pelo terno amor que lhe professava, achou-se presente a todos os grandes mistérios de nossa redenção e teve a fortuna de ver muitas vezes a Jesus Cristo depois de ressuscitado; ouvindo da mesma boca do divino Mestre todas as verdades e todos os secretos mistérios da Religião. Depois de sua gloriosa ascensão aos céus e da vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, participou também São Judas o consolo de padecer pelo nome de seu celestial Mestre muitos maus-tratos na perseguição que os judeus excitaram contra a recém-nascida Igreja.

Tendo resolvido os Apóstolos sair da Judeia para anunciar o Evangelho a toda a terra, São Simão dirigiu-se ao Egito, onde semeou o grão divino, que com o tempo havia de converter aquela ditosa província num terreno prodigiosamente fecundo de inumeráveis Santos, sendo ordinária habitação de tantos milhares de anacoretas. Mas não bastando à dilatação de seu zelo os imensos espaços daquele extensíssimo país, correu as vastas províncias da África, cultivando-as com tanto fruto que em breve tempo foram uma das mais floridas e mais abundantes regiões da cristandade. Diz-se que também penetrou até a Grã-Bretanha; tão insaciável era seu zelo de conquistas e de trabalhos por amor de Jesus Cristo: podendo parecer que não lhe bastava todo o universo e que ele só, por dizê-lo assim, quisera converter toda a terra. Segundo a opinião mais antiga, dilatou-se assim mesmo até a Pérsia, onde depois de inexplicáveis trabalhos, de indizíveis frutos e de inumeráveis conquistas, tendo levado a luz da fé às três partes do mundo, teve a ventura de coroar seu apostolado com a glória do martírio.

São Judas, segundo o Martirológio Romano, foi pregar o Evangelho à Mesopotâmia, onde fez inumeráveis conversões; e São Paulino afirma que também levou à Líbia a luz da Religião. Achando-se numa destas duas províncias, não contente com trabalhar tão felizmente na conversão dos gentios, quis estender também seu zelo a todos os fiéis, dirigindo-lhes aquela admirável Epístola que é a última das católicas, por não endereçar-se a alguma igreja particular, mas em geral a todas. Entra protestando que já havia tempo tinha ânimo de escrever aos judeus convertidos e dispersos por todo o Oriente; mas que afinal se via agora como precisado a pô-lo em execução, pela necessidade de opor-se a certos falsos doutores que corrompiam a sã doutrina e enchiam a Igreja de turbação. Tem-se por certo que falava principalmente dos Simonianos, dos Nicolaítas e dos demais hereges conhecidos na história com o nome geral de Gnósticos, cujos extravagantes erros e cujos estragados costumes descrevem Santo Epifânio, Santo Ireneu e outros Padres antigos. No mesmo princípio de sua epístola faz deles São Judas uma pintura que de nenhuma maneira os lisonjeia; mas como o verdadeiro zelo é sem fel e sem amargura, não tendo outro fim que o da conversão e salvação dos maiores inimigos de Jesus Cristo, exorta o santo Apóstolo aos fiéis para que com suas orações e com seus bons exemplos trabalhem com humildade na conversão daqueles miseráveis, retirando-os do fogo eterno aonde os ia precipitando

sua loucura. Louva Orígenes esta Epístola dizendo que nas poucas linhas que contém compreendeu São Judas uns discursos cheios de força e de graça celestial; e Santo Epifânio diz que está persuadido de que o Espírito Santo inspirou a São Judas o pensamento de escrever contra os Gnósticos a epístola que temos dele. Ainda que não há coisa mais certa em ordem ao lugar nem ao gênero de martírio que padeceram estes dois grandes Apóstolos, diremos o que se lê em algumas atas muito antigas e parece estar autorizado pelo Martirológio Romano, ao menos quanto ao lugar de seu martírio.

Depois de haver corrido os dois santos apóstolos Simão e Judas grandes e vastíssimos espaços de países pelo discurso de quase trinta anos, aumentando em todas as partes o rebanho de Jesus Cristo com crescido número de fiéis, sentiram-se inspirados do céu a ir pregar a fé no reino da Pérsia. Ao entrar nele encontraram-se com um exército mandado pelo general Baradach, que ia contra os indianos, a quem o rei da Pérsia havia declarado a guerra. Logo que os Santos entraram no campo, todos os demônios que falavam antes pelo órgão dos adivinhos e dos magos emudeceram de repente, sem dar já resposta alguma. Este repentino silêncio admirou e ainda atemorizou todo o exército; e tendo-se consultado sobre ele a um famoso ídolo que distava algumas léguas do campo, respondeu que a presença dos estrangeiros Simão e Judas, apóstolos de Jesus Cristo, havia fechado a boca aos deuses do império; acrescentando que era tão formidável seu poder que nenhum destes se atrevia a parecer em sua presença. Com esta notícia todos os sacerdotes e adivinhos do exército concorreram em tumulto à tenda do General, pedindo a morte daqueles dois estrangeiros e ameaçando-o com uma geral rebelião se não lha concedia. Baradach, homem cordato e detido, não quis precipitar o negócio: mandou chamar os dois Santos, fez-lhes várias perguntas e ficou tão satisfeito e tão pago de suas respostas que os olhou com estimação e com respeito, citando-os para uma conversação particular e reservada. Nela lhe explicaram a santidade e a verdade de nossa Religião: fizeram-lhe evidência das imposturas e embustes de todos aqueles encantadores, não menos que da fraqueza e nenhum poder de todos os seus ídolos; e para acabar de convencê-lo acrescentaram que davam licença àqueles embusteiros para que falassem e pronosticassem o sucesso daquela guerra. Responderam todos, depois de haver consultado com o demônio, que a guerra seria longa, perigosa e sangrenta. Tomando então os Apóstolos a palavra e voltando-se ao General, disseram-lhe: «Agora conhecereis, senhor, a falsidade e a impostura de vossos oráculos. É tão falso o prognóstico destes vossos adivinhos, como que amanhã a esta mesma hora em que vos estamos falando chegarão ao campo os embaixadores dos indianos e vos pedirão a paz com as condições que lhes quiserdes impor, sem a menor resistência.» Todo o exército esteve aquele dia em impaciente expectação até ver o efeito da profecia. Chegaram os embaixadores à mesma hora assinalada e concluiu-se a paz como se quis. À vista de tão maravilhoso sucesso não só se converteram o General, os oficiais e a maior parte do exército, mas, informado o Rei, que estava em Babilônia, quis ver os santos Apóstolos e converteu-se ele com toda a sua real família. A este primeiro milagre seguiram-se outros que contribuíram à conversão de quase todo o reino, mediante as excursões apostólicas que nossos Santos fizeram por seus principais povos e cidades. Somente permaneceram obstinados os magos e os sacerdotes dos ídolos, os quais, com o despeito de ver-se esquecidos e desatendidos, determinaram acabar com os dois santos Apóstolos. Sublevaram contra eles o povo numa cidade distante da corte e, ao mesmo tempo que os Apóstolos se dispunham para anunciar-lhes o Evangelho, arrojou-se sobre eles o populacho e, arrastando a um perante uma estátua do Sol e ao outro perante um ídolo da Lua, mandaram-lhes oferecer incenso àquelas imaginárias deidades.

Mostraram os santos Apóstolos o horror que lhes causava aquela execrável impiedade e ao ponto foram sentenciados à morte. São Simão, segundo a tradição antiga, foi serrado pelo meio; e a São Judas cortaram a cabeça. Em virtude da mesma tradição pinta-se a São Simão com uma serra e a São Judas com um machado na mão, como símbolos do gênero de martírio que padeceram. Tardou pouco Deus em vingar sua gloriosa morte, pois se diz que no mesmo ponto se levantou uma horrível tempestade que deu em terra com os templos dos falsos deuses, fez pedaços os ídolos e ficaram sepultados entre as ruínas todos os que tiveram parte nela.

Com o tempo as relíquias dos santos Mártires foram levadas a Roma, venerando-se alguma parte delas em Toulouse e alguns ossos na igreja de Santo André de Colônia e na dos Cartuxos.

Santa Sabina, Virgem e Mártir

No domingo imediato antes do dia de São Simão e São Judas apóstolos solemniza-se em São Pedro de Ager, no principado da Catalunha, a festa de Santa Sabina, virgem e mártir, cujo sagrado corpo possuem aqueles habitantes, e fazem dela ofício duplo com oitavas, nomeando-a na coleta da missa e ofício divino. A oração que usam é: «*Indulgentiam nobis, Domine, beata Sabina virgo et martyr imploret, quæ tibi grata semper extitit, et merito castitatis, tuæ professione virtutis. Per Dominum*, etc.» (Alcance-nos, Senhor, o perdão a bem-aventurada Sabina, virgem e mártir, que sempre vos foi agradável pelo mérito da castidade e pela profissão de vossa virtude.) Desta Santa Sabina não se pôde averiguar outra coisa; mas é de advertir que é diferente das outras três Santas do mesmo nome, conforme o assegura Domènech em sua história dos Santos da Catalunha.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos apóstolos Simão e Judas, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos per beatos apostolos tuos Simonem et Judam ad agnitionem tui nominis venire tribuisti, da nobis eorum gloriam sempiternam et proficiendo celebrare, et celebrando proficere. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que nos concedestes a graça de chegar a conhecer vosso santo nome mediante a pregação de vossos apóstolos São Simão e Judas, concedei-nos também que adiantemos na virtude quando celebramos sua glória e que celebremos sua glória quando adiantarmos na virtude. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da do apóstolo São Paulo aos Efésios.

Efésios 4,7-13

> **Latim:** [7] Unicuique autem nostrum data est gratia secundum mensuram donationis Christi. [8] Propter quod dicit : Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem : dedit dona hominibus. [9] Quod autem ascendit, quid est, nisi quia et descendit primum in inferiores partes terræ ? [10] Qui descendit, ipse est et qui ascendit super omnes cælos, ut impleret omnia. [11] Et ipse dedit quosdam quidem apostolos, quosdam autem prophetas, alios vero evangelistas, alios autem pastores et doctores, [12] ad consummationem sanctorum in opus ministerii, in ædificationem corporis Christi : [13] donec occurramus omnes in unitatem fidei, et agnitionis Filii Dei, in virum perfectum, in mensuram ætatis plenitudinis Christi :

Português: [7] Ora a cada hum de nós foi dada a graça, segundo a medida do dom de Christo. [8] Pelo que diz: Quando elle subio ao alto, levou cativo o cativeiro: deo dons aos homens. [9] E quanto a dizer subio, porque he isto, senão porque tambem antes havia descido aos lugares mais baixos da terra? [10] Aquelle, que desceo, esse mesmo he tambem o que subio a cima de todos os ceos, para encher todas as cousas. [11] E elle mesmo fez a huns certamente apostolos, e a outros profetas, e a outros evangelistas, e a outros pastores, e doutores, [12] para consummação dos santos em ordem á obra do ministerio, para edificar o corpo de Christo: [13] até que todos chegemos á unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deos, a estado de varão perfeito, segundo a medida da idade completa de Christo:

Reflexões

«A cada um se lhe deu a graça segundo a medida da liberalidade de Cristo.» Não a todos se concede a mesma ou igual medida de graças; distribui-as o Senhor segundo a infinita sabedoria de sua divina providência; mas a todos se dá a graça suficiente, a que a ninguém falta jamais. Nós, sim, é que faltamos à docilidade e fidelidade que devemos à graça. As graças são diferentes: *Divisiones gratiarum*; mas o espírito e a misericórdia que as comunica são os mesmos e um mesmo é o fim. O que Deus tem em comunicar-no-las é prestar-nos auxílios e meios para conseguir nossa salvação. Não nos pede Deus que o que só recebeu um talento ganhe cinco; o que pretende é que negociemos com ele e que se dobre o cabedal que se recebeu. Igualmente recompensa ao servo fiel que ganhou dois, não tendo recebido mais que dois, que ao que ganhou cinco, tendo recebido cinco. Mas reprova e condena o servo preguiçoso e mandrião que, tendo

recebido um, o enterrou, não o beneficiou e não soube aproveitar-se dele. Lição misteriosa, mas de suma importância para todos os fiéis. Ninguém deixa de receber as graças que lhe bastam para ser Santo; só resta que se aproveite delas e o modo de aproveitá-las é corresponder-lhes. Mas sepultamos esta graça. Dominando em nós os desejos terrenos, o amor do mundo, a concupiscência, a avareza, as paixões, que todas são outros tantos mortais inimigos da graça, prevalecem no coração e nele a sufocam ou ao menos a inutilizam. Nenhuma graça, por pequena que seja, deixa de ser efeito dos méritos, sangue e morte de nosso Redentor. Sempre no-la concede Deus proporcionando-a aos perigos em que nos achamos. Com ela poderás resistir à tentação. Podias muito bem não haver feito esse contrato usurário; pois ela te descobria sua injustiça: podias não haver concorrido àquela casa, escolho de tua inocência, como o pensaste alguma vez; pois ela te fazia conhecer o perigo: podias haver recorrido ao sacramento da Penitência, como tua mesma consciência te estava continuamente gritando: podias haver acudido à oração: podias haver reformado teus costumes, aproveitando-te de tantas ocasiões, de tantos bons exemplos de que se valeu a graça para acusar interiormente tua negligência e covardia. Não te deu vontade de fazê-lo: atribuíste-o a tua fraqueza; mas tua verdadeira fraqueza foi tua má vontade. Algum dia saberás que com a mesma graça, e ainda com menor, fizeram muitos por sua salvação o que tu, servo ruim e preguiçoso, não tiveste valor para fazer. Não digamos já que a graça foi menos forte que a paixão: haveria sido cem vezes mais vigorosa que ela se, como teu coração estava de inteligência com a paixão, houvesse querido estar de acordo com a graça. Não há Santo no céu que não reconheça por toda a eternidade que deveu sua salvação unicamente à graça do Salvador. Não há condenado no inferno que não esteja plenamente convencido, que não experimente por toda a desditosa eternidade, que ele só foi o único artífice de sua funesta reprovação. Oh, e que grandes efeitos produziria num coração verdadeiramente cristão esta verdade bem considerada!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,17-25

> **Latim:** [17] Hæc mando vobis : ut diligatis invicem. [18] Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit. [19] Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret : quia vero de mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo, propterea odit vos mundus. [20] Mementote sermonis mei, quem ego dixi vobis : non est servus major domino suo. Si me persecuti sunt, et vos persequentur ; si sermonem meum servaverunt, et vestrum servabunt. [21] Sed hæc omnia facient vobis propter nomen meum : quia nesciunt eum qui misit me. [22] Si non venissem, et locutus fuissem eis, peccatum non haberent : nunc autem excusationem non habent de peccato suo. [23] Qui me odit, et Patrem meum odit. [24] Si opera non fecissem in eis quæ nemo alius fecit, peccatum non haberent :

> nunc autem et viderunt, et oderunt et me, et Patrem meum. [25] Sed ut adimpleatur sermo, qui in lege eorum scriptus est : Quia odio habuerunt me gratis.

Português: [17] Isto he o que eu vos mando, que vós ameis huns aos outros. [18] Se o mundo vos aborrece: sabei que primeiro do que a vós, me aborreco elle a mim. [19] Se vós fosseis do mundo: amaria o mundo o que era seu: mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso he que o mundo vos aborrece. [20] Lembrai-vos da minha palavra, que eu vós disse: Não he o servo maior do que seu Senhor. Se elles me perseguirão a mim, tambem vos hão de perseguir a vós: se elles guardárao a minha palavra, tambem hão de guardar a vossa. [21] Mas elles far-vos-hão todos estes maos tratamentos por causa do meu nome: porque não conhecem aquelle, que me enviou. [22] Se eu não viera, e não lhes tivera fallado, não terião elles peccado: mas agora não tem desculpa no seu peccado. [23] Aquelle, que me aborrece: aborrece tambem a meu Pai. [24] Se eu não tivera feito entre elles taes obras, quaes não fez outro algum, não haveria da parte d'elles peccado: mas agora elles não sómente as virão, mas ainda me aborecerão tanto a mim, como a meu Pai. [25] Mas isto he para se cumprir a palavra, que está escrita na sua lei: Elles me aborecerão sem motivo.

Meditação

Do ódio que o mundo tem aos bons

Primeiro ponto

Considera que é coisa bem estranha que os bons sejam tão mal recebidos do mundo, sendo assim que eles são a parte mais sã dele. Onde se acha a realidade, a boa-fé, a honradez, o agrado, a cortesia, o verdadeiro mérito, senão nos homens virtuosos? No resto dos demais homens há outra coisa que embuste, artifício, infidelidade, intenção torcida, má-fé, paixão, inveja, malignidade e engano? Onde se encontra uma amizade sincera, uma fidelidade constante, uma correspondência firme, segura e à prova do interesse? Só no espírito e no coração dos bons. Sai, por dizê-lo assim, do distrito, do território da verdadeira virtude e só encontrarás brilhantes falsos, aparências enganosas, ficções, artifícios e macaquices; o parentesco, as conexões, as alianças, tudo é infiel, tudo suspeito. Pois em que consiste que aquela virtude cristã tão majestosa, tão respeitável, tão útil, tão amável, não acerte a aparecer diante dos homens do mundo sem revolver-lhes a cólera, sem avinagrar mais seu mau humor? Consiste em que a virtude é uma censura incômoda, uma muda mas pungente acusação da malignidade que reina no mundo. Um homem virtuoso, uma pessoa verdadeiramente cristã não se pode deixar ver sem que sua mesma vida repreenda aos libertinos as mais secretas desordens de uma consciência ulcerada. Quereriam os viciosos que todos fossem tão corrompidos como eles. Desejariam os maus que fosse impossível a prática da virtude. A vida regrada dos outros é seu processo e é sua condenação. Por isso se olha sempre no

mundo com maus olhos a virtude cristã; por isso se sente certa secreta mas maligna complacência sempre que se descobre o mais mínimo defeito nos homens virtuosos. Esta é a razão por que nunca se quer crer que haja verdadeira virtude nas pessoas devotas; e daqui nasce aquela chacota ímpia, aquelas insulsas chufas com que se pretende fazer ridícula e desprezível a virtude e a devoção; daqui aquele desenfrear-se tão furiosamente contra os devotos, a quem se quisera exterminar da sociedade dos homens. Já não é a virtude a quem se persegue; os secretos mas intoleráveis remorsos da própria consciência, que não se podem sufocar, esses são os que põem de tão mau humor os mundanos, os libertinos e os dissolutos. Tempo virá em que se restituirá à virtude aquela honra que agora se procura denegrir com tão infames calúnias; mas na hora da morte, mas no dia do juízo, mas no inferno, será tempo oportuno? Servir-te-á muito o conhecer, o confessar que te alucinaste, que te aturdiste, que te enganaste?

Segundo ponto

Considera que o ódio que os mundanos têm aos bons é consequência forçosa do ódio que o mundo professou ao mesmo Jesus Cristo. Que maior honra, que maior glória para os verdadeiros virtuosos, para os verdadeiros cristãos? «Se o mundo vos aborrece (diz o Filho de Deus), sabei que primeiro me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo (continua o Salvador), o mundo amaria o que é seu. Mas porque não sois do mundo e porque eu vos escolhi, tirando-vos do meio do mundo, por isso o mundo vos aborrece.» A aversão que o mundo tem aos bons é continuação da que todavia professa ao Salvador do mundo. Em virtude dela se movem os mundanos a condenar suas leis e seu Evangelho. Oprime-os muito aquela religião que condena a desordem de seus costumes. Não podem tolerar tanta multidão de preceitos. Alvoroça-os a doutrina de Jesus Cristo; não pode ser de seu gosto uma doutrina que tem tão contidos os sentidos e o amor-próprio e põe freio às paixões. Desagradando-lhes tanto o amo, por precisão hão de desagradar-lhes seus servos. Sendo a doutrina do Filho de Deus tão enfadonha a seu perverso coração, de necessidade lhes hão de ser insuportáveis todos aqueles que a seguem. São os mundanos inimigos declarados do Salvador, com que não podem ser amigos dos que servem a tão bom amo. E como por outra parte são ousados, são atrevidos, a tudo fazem frente, sem que nada os contenha, nem o temor de Deus nem o respeito da Religião; desencadeiam-se com toda liberdade contra as pessoas devotas. Mas se há de temer seu desenfreio? E seria muita honra dos servos de Deus que os amassem e os estimassem uns homens que aborrecem a seu divino Mestre? Pelo contrário, quanto os honra o ódio deste gênero de gentes? Muito mau sinal seria se tivessem a seu favor o voto dos que desaprovam tão descobertamente as máximas do Evangelho. «Se desejasse agradar aos homens (dizia o apóstolo São Paulo), não seria servo de Cristo.» Pois que vergonha será se todavia se teme a maligna crítica desses miseráveis censores! que dor é ver algumas almas virtuosas ter medo aos juízos de uns homens que condenam a moral do Evangelho! pois quê, se há de recear cumprir com nossa obrigação, obrar bem à vista dos que vivem mal! Quem ignora que sua perseguição é o maior elogio dos mesmos que aborrecem? Depois disto, quem fará já caso dos respeitos humanos? quem não desprezará suas insulsas, suas irreligiosas zombarias? Seremos já eternamente escravos do capricho, da fantasia e do mau humor daqueles que abominam da virtude só porque eles fazem profissão de ser viciosos?

Envergonho-me, Senhor, de haver tido medo por tanto tempo a um fantasma. Conheço todo o rubor de tão indecente covardia. Não, meu Deus, não temerei já o maligno ódio de vossos inimigos; sejam também inimigos meus os que o são vossos. Disto me glorio eu; e resolvido estou, mediante vossa divina graça, a não fazer já o menor apreço de sua perseguição.

Jaculatórias

Quanto mais me aborreça o mundo, mais e mais quero amar-te a ti, Deus meu, que és toda a minha fortaleza. (Sl 17.) Quem será capaz de apartar-me nunca do amor de meu Salvador Jesus Cristo? (Rm 8.)

Propósitos

1. Que uma virtude fingida alvoroce os ânimos e excite a indignação de todo o mundo, não há coisa mais justa. Os hipócritas são objeto da abominação de Deus e do horror de todos os bons. Mas que se levantem os ânimos contra a verdadeira virtude e que a virtude cristã sofra uma espécie de perseguição em meio do cristianismo são uns fatos que só pela experiência se poderiam fazer críveis e parecem tão opostos à Religião como à razão. Não te admirem, pois, nem muito menos te acobardem os modos duros, grosseiros, desdenhosos com que os mundanos tratam as pessoas que fazem profissão de virtude; nem muito menos estranhes a pouca justiça que a esta se lhe faz. Antes bem deves fazer ânimo a que tua conduta não será muito aprovada deste gênero de gentes desde o mesmo ponto em que te retires de suas concorrências e comeces a reformar teus costumes; mas guarda-te bem de render-te jamais a seus falsos juízos. Para lograr melhor isto, nunca te declares pela metade pelo partido de Deus. Faze pública profissão de servi-lo; declara-te abertamente pela perfeição cristã. A nenhum despreza mais o mundo que àqueles devotos que se envergonham de que os tenham por tais.

2. É um ato de virtude de suma utilidade cumprir todas as obrigações de cristão publicamente e com um modo exemplar. Assiste aos domingos ao sacrifício da missa e aos divinos ofícios em tua paróquia com modéstia e com exemplar devoção. Frequenta os Sacramentos em público e nunca te envergonhes de parecer cristão.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:06 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:06 by Admin